



Inclusão de criança com Autismo em Sala de Aula

Joice Carla dos Santos Nunes¹; Francisca Ivoneide Benicio Malaquias Alves²

Resumo: A escola deve ser um espaço de inclusão, onde sejam respeitadas todas as diferenças sociais, culturais, econômicas, físicas e psíquicas dos alunos. A inclusão escolar não diz respeito somente a inserir a criança fisicamente na escola, mas também a se adequar às suas particularidades, oferecendo um sistema de ensino onde ela possa se desenvolver integralmente, mesmo com suas limitações. Sendo assim, a inclusão escolar ainda se constitui como um desafio em diferentes espaços escolares. O presente artigo tem como objetivo discorrer sobre a inclusão escolar de alunos com autismo. O Transtorno do Espectro Autista é um transtorno de neurodesenvolvimento que se caracteriza por um déficit na comunicação, na interação social e no comportamento. Esses déficits trazem inúmeros prejuízos na vida do indivíduo, inclusive na área escolar. Por isso o debate sobre a escolarização de pessoas com TEA é tão pertinente. O método utilizado para esta pesquisa foi a revisão bibliográfica. Através de uma pesquisa sistemática em artigos sobre o tema, foi possível analisar que a inclusão escolar é uma questão complexa, pois para que tenha sucesso, é necessário que as escolas estejam preparadas para receber e lidar com este tipo de aluno, e tenham equipes de profissionais devidamente qualificadas. Constata-se que a inserção escolar de autistas é um processo que inclui um trabalho entre escola, estado, família e sociedade, e o papel do professor tem uma significativa contribuição nesta inclusão, pois este é o profissional responsável por integrar o aluno em sala de aula, e também responsável por sua aprendizagem.

Palavras-chave: Autismo, Educação, Inclusão.

¹ Faculdade de Ciências Humanas do Sertão Central (FACHUSC). joicenunes156@gmail.com;

² Faculdade de Ciências Humanas do Sertão Central (FACHUSC). benicio_84@hotmail.com.

Inclusion of a Child with Autism in the Classroom

Abstract: The school must be a space of inclusion, where all the social, cultural, economic, physical and psychological differences of the students are respected. School inclusion is not only about physically inserting the child into school, but also about adapting to their particularities, offering an education system where they can fully develop, even with their limitations. Therefore, school inclusion still constitutes a challenge in different school spaces. This article aims to discuss the school inclusion of students with autism. Autism Spectrum Disorder is a neurodevelopmental disorder that is characterized by a deficit in communication, social interaction and behavior. These deficits bring numerous damages in the life of the individual, including in the school area. That is why the debate on the schooling of people with ASD is so pertinent. The method used for this research was the literature review. Through a systematic research in articles on the subject, it was possible to analyze that school inclusion is a complex issue, because for it to be successful, it is necessary that schools are prepared to receive and deal with this type of student, and have teams of suitably qualified professionals. It appears that the school insertion of autistic people is a process that includes work between school, state, family and society, and the role of the teacher has a significant contribution to this inclusion, as this is the professional responsible for integrating the student into the classroom. class, and also responsible for their learning.

Keywords: Autism, Education, Inclusion.

Introdução

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição neurológica que afeta drasticamente a área da interação social e da comunicação.

Conforme a Lei de Proteção à pessoa autista (2012), alguns dos sintomas que confirmam o diagnóstico são: deficiência na comunicação verbal e não-verbal; dificuldades para manter relações sociais de acordo com seu nível de desenvolvimento; ausência de reciprocidade social; padrões repetitivos e restritivos de comportamentos, atividades e interesses; fixação por padrões de comportamento ritualizados e por rotinas; interesses restritos e fixos.

Todos os sintomas que constituem este transtorno comprometem o desenvolvimento psicossocial, afetivo, escolar e profissional das pessoas com autismo. Devido a isso, a escolarização de crianças autistas é assunto amplamente debatido. É de grande importância buscar integrar estas crianças no espaço escolar, pois, como afirmam Santos e Oliveira (2018),

a escola é uma porta de entrada para o desenvolvimento integral da criança; uma etapa que, se for bem direcionada, auxilia a criança a adquirir habilidades e conhecimentos para toda a vida.

Sendo assim, a escola se constitui como uma oportunidade para crianças autistas descobrirem e aprimorarem suas habilidades e potencialidades. Por isso é tão pertinente a luta pela inclusão escolar de crianças com deficiência.

A Constituição Federal (1988) afirma a educação como um direito de todos, sem distinção; portanto, uma criança com autismo não pode ser excluída do sistema de ensino devido à sua condição médica. Este direito também está pautado na Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012, também conhecida como Lei Berenice Piana, que assegura os direitos da pessoa autista, e um dos direitos citados na lei é: o direito à educação e ao ensino profissionalizante.

De acordo com a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008), o movimento de luta pela inclusão trata-se de uma ação social, política, cultural e pedagógica, pautada na defesa do direito de todos os alunos aprenderem e participarem juntos, sem haver nenhuma discriminação.

É papel da escola e do professor fazerem parte desta luta, através de práticas pedagógicas que busquem garantir a permanência escolar do aluno. Considerando isto, esta presente pesquisa tem como objetivo falar dessa temática, e falar dos principais fatores que podem contribuir para o avanço da inclusão escolar de alunos com autismo.

Este artigo constitui o Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Ciências Humanas do Sertão Central (FACHUSC). Um dos interesses pelo tema partiu do acúmulo de experiências durante a atuação na área de Educação Especial. Além disso, este tema foi muito debatido no percurso da graduação, o que despertou interesse em aprofundar as pesquisas.

Referencial Teórico

Sobre o Transtorno do Espectro Autista

O Transtorno Espectro Autista é uma “tríade de deficiências”, e conforme Van Wijngaarden-Cremers et al (2013), essas três áreas mais prejudicadas do indivíduo são: a área da interação social, da comunicação verbal/não-verbal, e a área do comportamento, que pode ser repetitivo ou estereotipado.

Conforme Gracioli e Bianchi (2014), essa tríade é essencial para o ser humano, pois é através dela que o homem interage e se torna um ser ativo em relação ao ambiente externo, e quando essas áreas são comprometidas, é como se o indivíduo não pertencesse a esse mundo.

Normalmente a característica mais peculiar de uma pessoa com autismo é a interação social, a dificuldade de olhar diretamente nos olhos, de entender sinais, de fazer amizades, brincar com outras crianças (SOARES, 2019).

Além disso, indivíduos com autismo podem apresentar outras comorbidades como: depressão, ansiedade, afeto lábil, comportamento agressivo, déficit de atenção com ou sem hiperatividade (RAPIN; TUCHMAN, 2008).

O desenvolvimento cognitivo de autistas varia. Alguns possuem capacidades superiores, enquanto outros apresentam retardo mental (CAMINHA et al, 2016).

Outros sintomas significativos do autismo são: capacidade sensorial, onde a criança tem hipersensibilidade em relação aos estímulos presentes no ambiente, tendo a visão e audição muito sensíveis, conforme explica Cunha (2013); e atraso na linguagem (dependendo do nível de severidade do transtorno); e atraso no desenvolvimento motor, de acordo com Nascimento e Borges (2021).

Já as crianças autistas que não tem atraso na linguagem geralmente desenvolvem ecolalia, que é o hábito de repetir tudo o que escuta outra pessoa falar.

Como apontam De Filippis e Wagner (2016), até o momento nunca foram encontradas causa e nem cura para o autismo.

Autismo e Inclusão Escolar

Todos estes sintomas que foram citados até então, afetam a pessoa com autismo ao longo de toda a sua vida em diferentes áreas: social, pessoal, escolar, profissional, entre outras. Por isso é tão importante debater a escolarização de alunos que têm o transtorno do espectro autista. A inserção de crianças autistas na escola é repleta de dificuldades e desafios, pois a escola é um lugar de interação com outros alunos.

Nascimento e Borges (2021) explicam que sintomas como as dificuldades de comunicação, os atrasos no desenvolvimento cognitivo e a dificuldade de concentração e socialização prejudicam a interação dos alunos com TEA dentro da sala de aula, o que causa grandes problemas.

Por lei, a criança com autismo deve frequentar a mesma escola e sala de aula que outras crianças que não têm transtorno. Conforme a Resolução CNE/CEB nº 2, de 11 de setembro de 2001, os alunos com necessidades educacionais devem ser matriculados no ensino regular, e devem estudar em sala de aula regular. Não é mais permitido matricular uma criança como deficiência em uma escola ou sala de aula específica só para alunos especiais.

De acordo com uma pesquisa feita pelo Censo Escolar em 2018, o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) afirma que entre 2014 e 2018, houve um aumento de 30% de alunos com necessidades especiais matriculados em escolas comuns. Isto constitui um avanço, mas a inclusão escolar não diz respeito somente a um aluno com necessidade especial estar frequentando uma escola comum. Incluir um aluno vai muito além disso.

Metodologia

A metodologia escolhida para a realização deste artigo foi a revisão de literatura. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica baseada na análise da literatura já publicada em forma de livros, artigos e literatura cinzenta (MARTINS, 2018).

Foram revisados artigos e livros que abordam a temática da inclusão escolar de alunos autistas, e foram selecionados para análise e discussão os tópicos mais relevantes, que podem trazer grande contribuição sobre o assunto. O método utilizado para esta pesquisa foi a revisão bibliográfica. Através de uma pesquisa sistemática em google, vídeos no you tube e artigos sobre o tema abordado.

Figueiredo (1990) afirma que a revisão bibliográfica desempenha um papel importante na transferência de informações, e ressalta que "o autor do artigo de revisão tem que coletar a literatura, assimilar os dados e fazer uso coerente do material, propiciando uma compreensão profunda do assunto - tarefa na qual também muito acrescenta ao seu próprio conhecimento".

Conforme a pesquisa que foi realizada, as contribuições mais pertinentes neste processo de inclusão são: o papel da escola, o papel do professor, o papel da família, e a importância da ludicidade na aprendizagem de alunos com TEA, e são esses temas que serão discutidos neste trabalho.

Análise e discussão dos resultados

O primeiro aspecto a se destacar em relação à escolarização de crianças autista, é a contribuição da escola em relação a isso. A escola deve fazer adaptações e transformações para atender às necessidades destes alunos.

O desafio de uma criança autista para frequentar a escola está relacionado às limitações sociais causadas pelo espectro. Se as crianças autistas têm uma dificuldade tão grande para socializar e interagir com outras pessoas, a escola pode ser um ambiente no qual ela não vai se encaixar ou se adaptar. Por isso a escola deve estar preparada para receber essa demanda.

Estar em uma sala de aula comum, convivendo com as diferenças não significa que de fato as crianças que possuem alguma Necessidade Educacional Especial vão consolidar seu aprendizado da mesma maneira que as outras. Assim, não pode ser considerado Inclusão apenas o fato de a criança estar inserida em uma sala de aula, sem executar nenhuma atividade, sem fazer parte da rotina da turma, estando apenas inserida no espaço, sem qualquer tipo de interação que envolva seu aprendizado ou adaptação no plano de aula do professor para que possa, de fato, aprender (SOARES, 2019, p. 15).

A escola deve ser um espaço de diversidade, que abarca e respeita as diferenças. Como menciona Sousa (2015), a escola só é realmente inclusiva quando implica no sistema de educação que atende às diferenças individuais, reconhecendo e respeitando as necessidades de cada aluno.

Para lidar um aluno autista, deve ter uma equipe preparada, que tenha amplo conhecimento em relação ao transtorno, para que juntos possam estimular a aprendizagem, socialização e adaptação da criança autista na escola, e amparar o aluno caso venha ocorrer alguma crise. Além de estarem aptos a lidar com o transtorno, os profissionais da escola devem respeitar as particularidades deste aluno, e também promover o respeito e a inclusão de autistas em outros espaços da sociedade.

Este respeito e aceitação deve ser promovido também entre os alunos da escola. Os alunos devem ser conscientizados sobre as particularidades dos alunos autistas, para que possam respeitar e auxiliar os colegas. É papel da escola estimular essa conscientização.

Deve haver quantas adaptações forem necessárias para que todas as crianças tenham as mesmas condições de aprendizado, isso inclui adaptações do espaço físico, do currículo, do planejamento, da rotina, das metodologias, dos recursos didáticos e da avaliação em consonância com o Projeto Pedagógico da escola (SOARES, 2019).

O Projeto Político Pedagógico da escola deve estar de acordo com a realidade de todos os alunos, e o plano de ensino de alunos autistas devem ser adaptados, tendo em vista que, devido aos problemas comportamentais e sociais, estas crianças não terão o mesmo desenvolvimento escolar que os colegas.

A escola também deve estimular a participação dos familiares dos alunos autistas, promovendo reuniões, debates e planejamentos, pois o trabalho em conjunto entre família, escola e sociedade promove o melhor desenvolvimento do aluno.

É muito necessário debater a inclusão escolar de alunos com TEA, por que além de refletir na aprendizagem deste indivíduo, a inclusão escolar facilita e reflete em toda a inclusão social, pois ajuda este aluno a se adaptar em outros ambientes também, pois a escola é um lugar em que desenvolvemos habilidades de socialização.

Ferro, Mendonça e Silva (2022) ressaltam que a escola exerce um papel muito importante para as habilidades básicas de um ser humano, como a estimulação linguística, o desenvolvimento cognitivo, a socialização e autonomia da criança. Portanto, a escolarização é uma boa estratégia de ajudar a pessoa com autismo a se desenvolver em diferentes áreas.

Outro aspecto crucial para que esta inclusão tenha sucesso é o papel do professor em sala de aula com o aluno autista.

Para que a inclusão escolar de um aluno com TEA seja efetiva, é crucial que o professor esteja preparado para colaborar, tendo em vista que o professor é o profissional da escola que vai passar a maior parte do tempo com o aluno, e vai acompanhar os seus principais processos de aprendizagem e socialização.

A Lei 12.764, Berenice Piana, garante aos alunos autistas que são matriculados em escola comum, o direito a um acompanhante especializado, caso seja comprovada a necessidade. Junto com o professor e toda a equipe escolar, esse profissional vai auxiliar o aluno na sua inclusão e aprendizagem.

Antes de tudo, é importante ressaltar o principal ponto, que é o conhecimento do professor. O docente deve estar devidamente qualificado para ensinar uma criança com TEA. Deve ter conhecimento a respeito do transtorno, todos os sintomas, e como eles podem interferir na aprendizagem deste aluno e no relacionamento com os colegas.

Também deve ter conhecimento a respeito das estratégias de ensino para crianças autistas, pois a maneira destas crianças aprenderem envolvem muitas particularidades. Portanto, tanto o professor como o auxiliar da criança devem ter todo o conhecimento necessário para lidar com a demanda.

É importante lembrar que, o autismo nem sempre está só; em alguns casos ele pode vir acompanhado de outras condições clínicas que podem prejudicar ainda mais as habilidades sociais da criança com autismo, como também pode vir acompanhado de altas habilidades e superdotação (NASCIMENTO; OLIVEIRA; 2022). Por isso é crucial que o educador saiba sobre o transtorno, para que sejam feitas todas as adaptações necessárias de acordo com o quadro do aluno.

Ressalta-se aqui a importância de que universidades que ofertam cursos de licenciaturas, preparem os alunos para uma prática docente que alcance todos os alunos com deficiências, e não só os alunos com desenvolvimento comum.

É preciso que o professor entenda que o desenvolvimento desta criança vai ser diferente em relação às outras, portanto, como explicam Jesus, Rodrigues e Silva (2021), é preciso ter paciência com esses alunos, e desenvolver com estes uma rotina de acolhimento.

A sala de aula é um desafio para uma criança autista, pois ela pode se sentir incomodada por ter que interagir com outras crianças. Cabe ao professor mediar a relação desse aluno com os demais colegas, promovendo a integração social deste aluno, mas de uma maneira que não seja aversiva, e seja adaptativa de acordo com sua realidade.

As atividades e métodos utilizados pelo professor devem promover e desenvolver as habilidades sociais dos alunos com TEA. Além da aquisição de conhecimentos, tudo que o professor propõe para este aluno deve ajudá-lo a desenvolver a sua linguagem, sua comunicação e maneira de se relacionar com as outras pessoas.

Outro ponto muito importante a ser ressaltado, é que a sala de aula deve ser um espaço de promoção da autonomia da criança autista. Apesar de todo o auxílio que o aluno autista vai receber do professor, da escola e da família, ele tem de desenvolver a sua independência da melhor maneira possível, dentro da sua realidade. Deve ser estimulado a fazer sozinho tudo o que conseguir, e também descobrir suas aptidões.

Sousa (2015) aponta que o autista tem de ser visto como alguém capaz de desenvolver habilidades, portanto é fundamental para o educador ter acuidade e sensibilidade para trabalhar com esse aluno, e fazer com que ele descubra suas aptidões e capacidades.

A falta de habilidade do professor para se adaptar ao ensino e inclusão do aluno com TEA pode causar dificuldades de aprendizagem, de inserção social do aluno, ou até mesmo evasão escolar. Portanto, o professor deve buscar cada vez mais se especializar e adquirir conhecimentos na área, para construir uma sala de aula saudável, que promova o desenvolvimento integral destes alunos.

A atuação do doente diante deste tipo de situação, requer um trabalho pautado no afeto, na humanização, onde ele deve estabelecer um vínculo de confiança com o aluno e com a família dele, para que esses se sintam seguros e a vontade, o que ajuda muito nesse processo de escolarização.

Outro importante fator que pode contribuir significativamente na aprendizagem e engajamento escolar deste aluno, são as atividades lúdicas. É recomendável que os professores utilizem esse tipo de atividade em sala de aula com esses alunos. As brincadeiras são atividades que influenciam no desenvolvimento e aprimoramento das habilidades infantis, incluindo a socialização, a imaginação e a criatividade.

A criança quando brinca e manipula um objeto, está em pleno aprendizado e, diante de um processo de desenvolvimento afetivo, social, cultural e motor (ALVES; ALVES, 2016). Portanto, brincadeiras se mostram muito importantes para intervenção de crianças autistas, tendo em vista que elas apresentam maior dificuldade nas áreas afetivas social e cultural do que as outras crianças, devido ao déficit na interação social.

O envolvimento de alunos autistas em aulas que incluem atividades lúdicas ajuda no processo de socialização e relação com os outros alunos da classe, fazendo com que estes se tornem capazes de aprimorar suas habilidades sociais.

Segundo os autores Silva et al (2013), as brincadeiras desenvolvem o potencial psicomotor, afetivo, social e cognitivo do autista, respeitando o seu nível de desenvolvimento e proporcionando prazer.

É necessário apenas fazer o manejo adequado, pois como ressalta Martins (2009), para uma criança comum, o desenvolvimento de brincadeiras acontece de maneira espontânea, através da interação com o adulto e outras crianças. Já para crianças com autismo o processo é diferente, podendo ser frustrante e longo para o outro que vai brincar com esta criança, por causa das limitações na interação.

Diante disso, devem ser utilizadas ferramentas e estímulos que façam a criança autista querer se envolver na brincadeira, pois independente de brincar sozinha ou na companhia de outras crianças, as atividades lúdicas trazem muitos benefícios. Ressalta-se assim a importância de incluir as crianças autistas em diferentes brincadeiras na que auxiliem no seu processo escolar.

Considerações finais

Apesar das limitações presentes na vida de uma pessoa portadora do Transtorno Espectro Autista, com um trabalho colaborativo entre a família, a escola e o aluno, é possível alcançar a inserção escolar de um aluno com autismo.

Uma escola devidamente estruturada para receber alunos autistas, professores capacitados, uma família empenhada em fazer parte da transformação do aluno fazem uma diferença significativa, e sem estes esforços, não há como concretizar a inclusão destes alunos.

A inclusão escolar não se trata apenas de uma teoria, de leis e documentos que exigem que crianças com deficiência frequentem uma escola normalmente; se trata de um conjunto de práticas, que devem ser executadas diariamente para garantir às crianças com necessidades especiais o seu espaço na escola.

Deste modo, vale ressaltar a importância do (PEI) Plano Nacional Individualizado. Que o mesmo é um documento elaborado pelo professor a partir de uma avaliação de um aluno com necessidade educacional específica. É importante lembrar que a construção do Plano Educacional Individualizado é por meio de estratégias de ensino específicas. O (PEI) é considerado uma proposta de organização curricular, que nele norteia pedagogicamente a mediação do professor. Para a construção do PEI é necessário que consista em quatro etapas. Conhecer o aluno, Estabelecer Metas, Elaborar cronograma e Avaliação. É importante considerar durante a construção do PEI serviços especializados e complementares, ou seja, o profissional que acompanhar a criança fora e dentro do ambiente escolar pode oferecer sugestões ou ideias para ela e a família. A forma de ensinar também é fundamental. O professor e os responsáveis pela educação da criança precisam focar em formas de ensino acessíveis e aulas claras e objetivas. O PEI pode contribuir para o progresso educacional de uma criança e adolescente com o TEA Transtorno do Espectro do Autismo. Deste modo ela aprenderá novas habilidades que são úteis para o dia a dia.

O aspecto lúdico também se mostra uma ferramenta importante para desenvolver a escolarização das crianças com autismo, devido aos benefícios para o desenvolvimento das áreas em que estas crianças apresentam dificuldades, como a área social, imaginação e aquisição de conhecimentos.

Referências

ALVES, Maria Aline Gusmão; ALVES, Marcela Paraíso. O brincar como intervenção pedagógica nos transtornos do espectro do autismo. **Revista Práxis**. Ludicidade no Ensino de Ciências, v. 8, n. 1, 2016.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. **Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista**; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990.

Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução CNE/CEB 2/2001. **Diário Oficial da União**, Brasília, 14 de setembro de 2001. Seção 1E, p. 39-40

CAMINHA, Vera Lúcia prudência dos Santos et al. **Autismo: vivências e caminhos** [livro eletrônico]/ organizado por Vera Lúcia Prudência dos Santos Caminha ...[et al]. — São Paulo : Blucher, 2016.

CUNHA Eugênio. **Autismo na escola: Um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar**. 1ed: Editora: Wak, 2013.

DEFILIPPIS, Melissa; WAGNER, Karen Dineen. 2016. Treatment of Autism Spectrum Disorder in Children and Adolescents. **Psychopharmacology Bulletin** v. 46, n 2, p.18 - 41.

FERRO, Marcos Batinga; MENDONÇA, Ana Cláudia Sousa; SILVA, Alene Mara Sanches Sanches. O Lúdico no Processo Inclusivo do Autista na Educação Infantil. **Revista Internacional Educon**. v. 3, n. 1, e22031014, 2022

GRACIOLI, Maria Madalena; BIANCHI, Rafaela Cristina. Educação do Autista no Ensino Regular: Um Desafio à Prática Pedagógica. **Nucleus**, 2014.

FIGUEIREDO, Nice. Da importância dos artigos de revisão da literatura. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 23, n. 1, p. 131-135, 1990.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. **Censo Escolar**, 2018. Recuperado em 12 de Fevereiro de 2018 de <http://portal.inep.gov.br/web/guest/censo-escolar>

JESUS, Elisleide Ferreira; RODRIGUES, Denise da Silva; SILVA, Renata dos Santos. Os desafios da inclusão escolar de crianças com autismo: da teoria à prática. **Repositório Universitário da Anima**, 2021.

MARTINS, Alessandra Dilair Formagio. **Crianças autistas em situação de brincadeira: apontamentos para as práticas educativas**. Dissertação de Mestrado, Universidade Metodista de Piracicaba-UNIMEP, Piracicaba, São Paulo, 2009.

MARTINS, Maria de Fátima Moreira. Estudos de revisão de literatura. Trabalho apresentado no Curso de Acesso à Informação Científica e Tecnológica em Saúde. Modalidade: Qualificação. Rio de Janeiro: **FIOCRUZ/ICICT**, 2018. 37 p.

NASCIMENTO, Antônio Vinícius da Silva; OLIVEIRA, Gleiciane Maria Gonçalves. Inclusão e adaptação do aluno com autismo nas aulas on-line em tempos de pandemia. **Brazilian Journal of Development**, v.8, n.3, p. 17550-17561, 2022.

NASCIMENTO, Amanda Lima; BORGES, Fabiana Vigo Azevedo. O lúdico como fator estimulante para o desenvolvimento dos alunos com espectro autista nos anos iniciais. **Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade**, v 7, n 1, p. 1-19, 2021.

RAPIN, Isabelle; TUCHMAN, Roberto. Autism: definition, neurobiology, screening, diagnosis. **Pediatric Clinics of North America**, v. 55, p. 1129-1146, 2008.

SANTOS, Saionara Paulo; OLIVEIRA, Samara Paulo. Inclusão do autista na educação infantil na rede regular de ensino: desafios e perspectivas. **Anais III CINTEDI**: Realize Editora, 2018.

SILVA, Lucineia Cristina et al. O autismo e o lúdico. **Revista Nativa**. v. 1, n. 2, p. 1-8, 2013.

SOARES, Daniela Praça. **A criança com Autismo na escola**: possíveis caminhos para a inclusão. 2019. 45 f. Orientador: Nivaldo Alexandre de Freitas. TCC (graduação em Pedagogia) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Rondonópolis, 2019.

SOUSA, Maria Josiane Sousa de. **Professor e o autismo**: desafios de uma inclusão com qualidade. 2015. 34 f. (Especialização Educação Especial). Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

VAN WIJNGAARDEN-CREMERS, Patrícia et al. Gender and Age Differences in the Core Triad of Impairments in Autism Spectrum Disorders: A Systematic Review and meta-analysis. **J Autism Dev Disord**, v. 44, n. 3, p. 627–635, 2013.

Como citar este artigo (Formato ABNT):

NUNES, Joice Carla dos Santos; ALVES, Francisca Ivoneide Benicio Malaquias. Inclusão de criança com Autismo em Sala de Aula. **Id on Line Rev. Psic.**, Outubro/2022, vol.16, n.63, p. 584-595, ISSN: 1981-1179.

Recebido: 17/10/2022;
Aceito 27/10/2022;
Publicado em: 30/10/2022.